

EDITORIAL

É com muita satisfação que apresentamos o quinto número de INTERAÇÕES – Cultura e Comunidade. Nele, além da seção de artigos e outras seções da revista, o leitor encontrará um dossiê com textos na área da Antropologia, em suas interfaces com a religião, intitulado “Religião e religiosidade: o olhar antropológico”. A escolha dessa temática liga-se à proposta editorial da revista, que privilegia não apenas as pesquisas sobre religião e religiosidade desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião, como também todas as linhas de pesquisa das Humanidades e Ciências Sociais que se dedicam à análise e compreensão do fenômeno religioso¹.

Para as ciências sociais, o espectro de interesses que esses fenômenos despertam carrega inúmeras possibilidades empíricas e teóricas. Nesse espectro, para a antropologia os estudos sobre religiões subsidiam, ao mesmo tempo, os debates sobre a unidade e a diversidade da espécie humana. Isso porque os discursos produzidos pela antropologia dão provas suficientes para se afirmar que a religiosidade e o fenômeno religioso estão presentes tanto na fundação da humanidade, quanto na fundação de boa parte da diversidade de humanidades dispersas e segregadas no tempo e no espaço.

Desde pelo menos o *homo neanderthalensis* existem provas materiais dos primeiros sepultamentos, prática que implica em determinados rituais funerários de cunho religioso. Por isso, aquilo que nos define a nós mesmos como humanos, o trabalho, a linguagem e o pensamento classificatório, estão presentes na aurora da humanidade e se expressam irremediavelmente nas categorias religiosas. As diversas expressões do sagrado e das respectivas religiões situadas no tempo e no espaço daí decorrentes são produtos de criações e recriações, de leituras e releituras, de significações e re-significações históricas e culturais. Talvez por isso mesmo o espaço das religiões e das ciências sociais dedicadas às religiões seja um calcidoscópio.

¹ Veja-se a esse respeito o Editorial do v. 3. n. 3 desta revista, p. 9-14.

Como, porém, em Ciências Sociais, os avanços teóricos se dão quase sempre a reboque dos acontecimentos, e em face disso definimo-nas como ciências da realidade concreta, o estudo de práticas e símbolos religiosos implica sempre situá-lo no cambiante contexto sócio-histórico e cultural do qual são partes integrantes. Nesse caminho, esforçar-se para entender algumas dessas lógicas situadas espacial e temporalmente é o lugar que ocupa a antropologia nesse caleidoscópio. Deste ponto de vista, e diferentemente de outras abordagens presentes nas ciências sociais, a análise antropológica das religiões volta-se para o estudo das cosmovisões religiosas, expressas a partir de ritos e crenças e dentro de uma chave de cultura e de interpretação cultural.

Sejam nas abordagens dos processos rituais em relação à estrutura e organização social, ou das lógicas de pensamentos que subjazem aos diferentes ritos, crenças e sistemas mágico-religiosos, a riqueza da diversidade de humanidades tem oportunizado à antropologia das religiões cobrir diferentes temas e áreas geográficas e culturais.

Fiel a esse perfil, o dossiê que agora se entrega ao leitor apresenta essa ampla diversidade de religiões, de temas e de abordagens que permitem o olhar antropológico. Ao todo, são nove artigos. O primeiro, “Fé, crença e auto-ajuda: a tradição antropológica revisitada”, de Paulo Roberto Albieri Nery, incita a pensar sobre a natureza do esforço intelectual inserido no processo de reflexão sobre o valor do sagrado, colocando em diálogo a tradição antropológica brasileira com os novos movimentos religiosos contemporâneos.

O segundo artigo incluso no dossiê intitula-se “Nova era à brasileira: a *new age popular* do vale do Amanhecer”, de autoria de Amurabi Pereira de Oliveira. Produto da observação participante e do trabalho etnográfico junto ao núcleo do Vale do Amanhecer na cidade de Campina Grande – PB, esse texto apresenta os novos movimentos religiosos brasileiros e associa o Vale do Amanhecer ao universo da *new age popular*. Inserida nos movimentos de reinterpretção da Nova Era no Brasil, a *new age popular* configura-se numa nova proposta de síntese religiosa, sincrética e mística – esotérica que caracteriza a maioria desses novos movimentos religiosos. Vivenciada no Vale do Amanhecer no qual esteve imerso o autor, o texto apresenta o tema e dá provas do papel da religião na construção das práticas e das identidades.

Na seqüência, temos o artigo de Haudrey Germiniani Calvelli “O fenômeno da benção moderna à luz da teoria do consumo moderno“. Trata-se da abordagem de um dos temas mais caros à antropologia das religiões: o

poder mágico das benzeções que, em suma, traduz-se no problema da eficácia lógica dos processos mágico-religiosos. Tomando o exemplo das benzedeadas modernas como fornecedoras de bens simbólicos que caracterizam o consumo moderno, a autora procura uma interpretação para a lógica cultural que orienta a procura dos serviços das benzedeadas. Com pesquisa etnográfica na cidade de Juiz de Fora – MG, as reflexões lançadas apontam para o fato das consumidoras dos bens simbólicos se orientarem não apenas pelo desejo de melhorarem suas vidas, mas também pelo fato do consumo dos bens mágico-religiosos despertar desejos, fantasias e admiração.

Os dois artigos seguintes desse dossiê expressam os trabalhos antropológicos dedicados às religiões afro-brasileiras. O primeiro desses dois e quarto desse dossiê, “Retrospectiva antropológica da homossexualidade nas religiões afro-brasileiras”, de Milton Silva dos Santos, faz um balanço bibliográfico a respeito da participação de homossexuais masculinos nos rituais das religiões afro-brasileiras. Apoiado em material oriundo de diferentes comunidades-terreiro do Brasil (Bahia, Pernambuco, Pará e Rio de Janeiro) são apontadas algumas das explicações a respeito da adesão homossexual aos cultos afro-brasileiros. Ao colocar o leque das possíveis explicações, são postos também em relevo o esforço antropológico de decifrar a lógica cultural presente na vivência dos participantes, e apontar para os elementos simbólicos e mítico-religiosos envolvidos no processo de construção de identidades sexuais e de gênero dos seus praticantes.

O artigo seguinte, “Tensões entre individualismo e comunidade nas religiões de matriz africana”, de autoria de Rodrigo Leistner, se situa no âmbito da discussão das lógicas de sociabilidade e construção identitária nas religiões afro-brasileiras. Ao interpretar o tema a partir da clássica tensão que desde o início das ciências sociais se trava entre análises micro e macro, situa as metamorfoses dos sistemas religiosos africanos e sua atualização no Brasil colonial como exemplo histórico de tensão entre individualismo e comunidade. Tal tensão provoca, por um lado, a fragmentação e a dificuldade de uma unificação identitária, mas pode, por outro lado, promover certa estratégia de universalização e articulação/ocupação do espaço público por parte dessas religiosidades.

O sexto artigo desse dossiê traz ao leitor uma reflexão teórica sobre o papel da religião na modernidade. Intitulado “Reflexões antropológicas sobre a religião na modernidade: declínio ou reconfiguração do religioso?”, nele o autor, Cesar Alberto Ranquetat Júnior, discute as relações entre religião – política

– sociedade. Ao contrário da tese da secularização, segundo a qual a religião se restringiria ao ambiente privado, o mundo contemporâneo tem vivenciado não só a contínua inserção das religiões no espaço público, como também vivenciado, em casos específicos, a transformação dos conteúdos religiosos, numa atualização simbólica incorporadora de valores da modernidade.

Os três últimos artigos desse dossiê se dedicam ao estudo da religiosidade e das expressões religiosas dos povos indígenas, cobrindo respectivamente áreas do Brasil, Argentina e Andes.

Assim, o sétimo artigo a compor o dossiê apresenta aspectos das sociedades indígenas de Floresta Tropical situadas nas terras baixas sul-americanas. “A cerâmica e os rituais funerários: xamanismo, antropofagia e guerra entre os Tupi-Guarani”, de Marcel Mano, é uma análise das práticas de sepultamento primário e secundário em urnas decoradas associado aos Tupi-Guarani históricos e pré-históricos. Com base numa ampla rede de informações documentais e etnográficas, por sucessivas projeções o artigo é um esforço para compreender e situar essa forma especial de sepultamento no contexto histórico e cultural do qual faz parte. Nesse sentido, indica que o ritual parece ter relações claras com o universo antropofágico – guerreiro, servindo de elo para a transposição entre os diferentes mundos e seres que povoam o universo real e imaginário desses povos.

Na seqüência, temos o artigo de César Ceriani Cernadas “Fronteira da imaginação religiosa. Índios e Mórmons em Formosa Oriental (Argentina)”. Trata-se de uma exploração histórica e antropológica sobre a conformação social e religiosa da província de Formosa na Argentina, região fronteira com o Paraguai. A partir dos discursos produzidos historicamente pelos mórmons sobre os índios dessa região, o texto nos coloca em contato com alguns planos de análise; dentre eles, a articulação entre apropriação religiosa e construção da imagem do Outro, a historicidade dos discursos e a história de vida como metodologia. Ao colocar esses planos, o trabalho aponta para a historicidade dos discursos e crenças mórmons sobre os índios da região de Formosa, e é um testemunho da construção histórico e social dos discursos sobre os Outros.

Para finalizar o dossiê Antropologia e Religião, o artigo de Avcler Araújo Santos Junior “Cosmovisão e religiosidade andina: uma dinâmica histórica de encontros, desencontros e reencontros” nos leva aos altiplanos andinos e recupera para o leitor os exemplos do uso da religião como estratégia de resistência, reinterpretação e reinvenção dos povos indígenas ante a situação

colonial. O artigo é uma revisão bibliográfica de alguns aspectos da cosmovisão andina e do seu encontro com uma lógica cultural distinta – a civilização cristã ocidental. Desde o choque entre essas duas lógicas, indica os encontros e desencontros entre a cosmovisão da religião andina e a escatologia cristã evangelizadora e, ao partir das idéias de reinterpretação, reinvenção e resistência, encontra homologias e analogias entre essas duas tradições e os cultos rurais dos povos indígenas andinos atuais.

Na seção Artigos, apresentamos três textos, cada um com um tema específico mas relacionado, de alguma forma, ao amplo espectro do campo de estudos das Ciências da Religião. No seu conjunto, esses artigos contemplam diferentes áreas do conhecimento: Arqueologia, História, Filosofia da Religião, Sociologia e Literatura.

O primeiro deles, intitulado “O oráculo de Delfos e a colonização grega”, de Patrícia Boreggio do Valle Pontin, analisa o fenômeno de expansão dos gregos em direção ao Ocidente, investigando suas prováveis causas. Por um viés historiográfico e arqueológico, a arqueóloga apresenta o debate acadêmico especializado acerca do papel do Oráculo de Delfos, com destaque para a importância do Oráculo de Apolo no fenômeno de formação e colonização das póleis gregas da Magna Grécia. Segundo a autora, a criação do culto délfico no século VIII a. C. foi decisiva na resolução de conflitos sócio-políticos que acabaram por engendrar a fundação das colônias gregas.

Agnaldo Cuoco Portugal e Jairo Dias Carvalho, no texto “Filosofia da Religião e Candomblé: questões e oportunidades”, procuram discutir a Filosofia da Religião enquanto área do conhecimento, distinguindo-a de outras áreas e explicitando a possibilidade de uma reflexão filosófica sobre o candomblé, este tomado como objeto de análise e crítica na área. Nessa análise, os autores apresentam uma outra articulação entre Filosofia da Religião e candomblé, com base na concepção da filosofia como construção de conceitos transdisciplinares. Caracterizada como um tipo de saber transdisciplinar, segundo os autores a filosofia forneceria instrumentos para um diálogo interdisciplinar sobre o candomblé.

No artigo “Fernando Pessoa: religiosidade na poesia”, Anaxsuell Fernando da Silva, apresenta uma análise cativante e reveladora de enorme erudição, por meio da qual surge um Fernando Pessoa místico e filósofo político ao mesmo tempo. Segundo o autor, os personagens criados por Pessoa pela heteronímia ligam-no aos mais distintos universos simbólicos e religiosos. A pro-

posta do estudo empreendido é compreender a dimensão religiosa pluriforme pessoana, por intermédio da leitura de imagens suscitadas a partir de sua vasta obra. As significações poéticas evidenciadas podem ser associadas a signos de religiosidade e permitem confirmar a existência de uma intensa pluralidade religiosa que ultrapassa os limites socialmente instituídos para o religioso.

Na seção Debates e Comunicações, Viviane Cristina Cândido, convidada a colocar em discussão o ER – Ensino Religioso. Entre os vários enfoques possíveis, a autora escolheu a discussão acerca da finalidade do ER. Com o objetivo de abrir espaço para confrontações, dois artigos são apresentados. O primeiro, “Do Ensino Religioso para o estudo da religião: uma proposta epistemológica para esta disciplina da Educação básica”, é de sua autoria, e o segundo, “Ensino Religioso na perspectiva da escola: uma identidade pedagógica” é de Sérgio Rogério Azevedo Junqueira. Os dois artigos, construídos sem que os autores conhecessem os conteúdos um do outro, permitem que o leitor tome conhecimento das controvérsias, indefinições e ambiguidades que rondam essa disciplina, bem como da necessidade de identificação do espaço e de sua finalidade na educação básica.

Por fim, apresentamos neste número a resenha de Cecília Cintra Cavaleiro de Macedo sobre o livro *Teologia e Ciência: Diálogos acadêmicos em busca do saber*, organizado por Afonso M. L. Soares e João D. Passos. E na seção Livros (Notas de Leitura), Antônio Alves de Melo faz uma reflexão pessoal sobre o livro do Cardeal Carlo Maria Martini e Georg Sporschill, *Diálogos noturnos em Jerusalém: sobre o risco da fé*, ressaltando algumas questões nele tratadas, com destaque para as temáticas relacionadas ao mal, ao inferno e à liberdade.

Ao introduzir o leitor nessa coletânea de textos, esperamos daqui em diante uma boa e agradável leitura.

Marcel Mano

Membro do Conselho Editorial